

Sozinhos na escola

O Miro (pode ser este o fictício nome do jovem) percorreu a via-sacra de várias escolas, até chegar àquela, por recomendação de uma técnica de serviço social e de uma psicóloga. O seu calvário académico incluía várias passagens pelo *ensino especial* e por outros padecimentos.

Um professor aproximou-se do jovem recém-chegado e propôs-lhe que escrevesse as suas primeiras impressões da nova escola.

Não sei, não sou capaz, não faço. E você não me pode obrigar!...

O professor insistiu com jeitinho. Mas?

?Mas eu não sou obrigada a fazer. Você não manda em mim. Você não é meu pai!

O professor era dos teimosos, mas logo ouviu a sugestão:

Ponha-me lá fora. Na outra escola, quando me portava mal, os setôres punham-me lá fora. Marque-me uma falta e pronto!

O Miro não sabia que só estava carente de firmeza e carinho. O pai não poderia dar-lho porque, há muito abandonara a família. A mãe *?já não tinha mão nele e que nem pensasse tocar-lhe?*. Professores, a julgar pelo condicionamento que nele se tinha operado, poucos teria encontrado pelo caminho. O Miro tinha passado sete anos *sozinho em casa* e outros tantos na escola, e deixara de acreditar ser possível aprender:

- *Ó setôr, você num sabe que eu, na outra escola, só tinha aulas de Educação Física, EVT e Moral?*

À quarta tentativa de persuasão, quando lhe pediram que fizesse algo de que ainda se lembrasse, o Miro pediu-lhe que o dispensassem da tortura da escrita e lhe *?ditassem umas contas, mas só de dois números?*, pois apenas se recordava (e mal) das contas de somar e de diminuir.

- *Eu sou assim, setôr. No hospital, a psicológica até disse à minha mãe que eu sou atrasado da cabeça p?raí uns cinco anos.*

Todas as escolas deveriam ser espaços produtores de culturas singulares, mas também espaços de múltiplas interações, comunicação, cooperação, partilha... Sabemos que não é bem assim. As escolas são, quase sempre, espaços de solidão. O trabalho dos professores é um trabalho feito de solidão e a solidão dos professores é da mesma natureza da solidão dos alunos ? professores e alunos estão *sozinhos nas escolas*.

Decorridos dois meses, o Miro já escrevia algumas frases, já fazia as suas preparações no laboratório das Ciências, até já lia palavras em? Inglês! E foi a professora de Inglês que protagonizou um episódio que viria a influenciar o curso da *recuperação* do Miro.

Perante uma atitude menos correcta do Miro, a professora repreendeu-o. Porém, apercebendo-se das nefastas consequências da reprimenda num momento ainda tão frágil da reciclagem dos afectos, *emendou a mão* como pôde, explicou-lhe o essencial da asneira, e pediu desculpa ao Miro pelo exagero posto na repreensão.

- Aqui, os professores pedem desculpa? ? inquiriu o Miro, estupefacto.

- Claro ? respondeu a professora de Inglês.

O Miro reagiu com um esgar de espanto, deu uma volta e seguiu viagem, para que a professora não visse que pela sua cara de traquina inveterado passeava a manga da camisola com que limpava uma lágrima teimosa.

Em todos os anos lectivos, há alunos que mudam de escola, por qualquer razão. Se aos pais assiste o direito constitucional de escolher a escola que consideram mais adequada aos seus filhos, ainda bem que tal acontece. Mas disse-me uma amiga que alguém lhe disse que outro alguém lhe dissera que alguém terá dito que a escola que acolheu o Miro *?não aceita qualquer aluno, que os selecciona?*.

Este e outros malfazejos disparates visam denegrir a imagem dessa escola, pelo que se justifica divulgar o exemplo do Miro. Por mais inverosímil que possa parecer, é bem real. E não se pense ser um caso isolado. Poderia aqui trazer dezenas de casos semelhantes, que têm por centro os tais *?alunos seleccionados?*. Poderia contar-vos muitas histórias de crianças *recuperadas* nesta escola de última oportunidade. A história da Ana liberta de quatro anos de degredo num fundo de sala, rotulada de burra. A do Francisco, que, chegado à nova escola, desatou aos pontapés nos novos colegas, a cuspir e a insultar, por ser a gramática que secretamente aprendera em três anos de insultos e humilhações. O Eduardo, após meses de privação de recreio, só porque o seu *braço doente o impedia de acompanhar a turma* na escrita de carreirinhas de letras. O Joaquim, que se gabava de, na outra escola, *?ter posto um professor no hospital?*. O Pedro, o choro em forma de criança nos primeiros dias na nova escola, porque, se já sabia ler quando entrou para a antiga, foi forçado a esquecê-lo e a *?acompanhar o resto da classe?*, acumulando cansaços e desgostos que, face ao estado em que chegou, quase diríamos ser possível a uma criança odiar. Do órfão ao maltratado, chegam encaminhados por instituições de reinserção social, chegam de lugares distantes, com marcas de violência e experiências de indiferença, que é a pior forma de abandono. Estavam *sozinhos na escola*. Deixaram de estar sozinhos na escola dos alunos *?seleccionados?*, escolhidos, apartados, rejeitados? noutros lugares. Dentro dos seus humanos limites, a escola de que vos falo a todos acolhe, a todos ajuda na recuperação da auto-estima, do respeito por si próprios. Dirão alguns leitores que todas as escolas têm este tipo de alunos. A diferença está em que a nova escola do Miro tem mais. Tem os que lhe cabe em sorte e os que outras rejeitam.

Os habituais *?críticos?* da escola que acolheu o Miro terão aqui matéria para reflexão. Já algum desses *?críticos?* se terá lembrado de denunciar esta *?selecção?*?